

Robert Louis Stevenson

O RAPTADO

Capítulo 1 A CASA DOS SHAWS

Minhas aventuras começam no ano de 1751, quando fechei pela última vez a porta da casa dos meus pais em Essendean, na Escócia, aos 17 anos de idade. Ainda com a lembrança dos meus falecidos pais no coração, caminhei ao encontro do sr. Campbell, pastor da cidade.

— Davie, meu filho, como se sente? — perguntou o sr. Campbell, abraçando-me com carinho.

— Estou bem — respondi, entregando-lhe a chave da casa, que passaria às mãos de um novo proprietário.

Caminhamos juntos através do vale que levava até a saída da cidade. Antes de nos despedir, o sr. Campbell disse:

— Seu pai deixou ordens comigo de entregar-lhe este envelope depois que ele morresse. Trata-se de sua herança, Davie.

— Está endereçada a *Ebenezer Balfour de Shaws*. Seria algum parente meu?

— Desconheço o parentesco que há entre vocês, meu caro, mas sei que esse homem carrega seu nome de família, Balfour. Você deve seguir até Cramond, perto de Edimburgo, e procurar a casa dos Shaws.

— O senhor conhece os Shaws?

— São gente muito rica, descendentes da nobreza, embora hoje em dia falam-se que estão um pouco decadentes. Você vem de uma família simples, Davie. Seu pai era professor, o melhor que já conheci. Não se envergonhe de não ter dinheiro. Trate os Shaws com respeito, é claro, mas saiba que você tem muito valor.

— Acha mesmo que devo ir, sr. Campbell?

— Vá, meu filho, e vença na vida. Se algo der errado, estarei aqui, à sua espera. Minha paróquia é sua casa também.

Aquelas palavras me deram apoio e confiança. Vi o sr. Campbell percorrer o caminho de volta à cidade sem olhar para trás, apenas acenando com a mão para o alto. A paisagem montanhosa e colorida dos campos encheu meus olhos de saudade e também de esperança em relação à nova vida que me aguardava. Guardei a carta em minha sacola e parti para uma caminhada de dois dias até Cramond.

Durante o trajeto, muita coisa passava pela minha cabeça. Ir viver em uma casa elegante, movimentada, entre nobres que talvez fossem de minha própria família, era algo agradável de imaginar. A primeira parada, em Edimburgo, fez meu entusiasmo aumentar ainda mais. Do alto de uma colina, vi barcos de todos os tamanhos ancorados perto da costa. Eu nunca tinha visto o mar e aquela cena causou grande rebuliço no meu peito. Depois de dar algumas voltas pela cidade, observando tudo com curiosidade, segui até Cramond.

Lá chegando, comecei a procurar pela casa dos Shaws. Achei estranho, pois todos me olhavam com surpresa quando eu perguntava onde ficava o ende-

reço. Ninguém me dava uma resposta concreta, apenas faziam cara feia e saíam caminhando. Uma mulher, no entanto, me apontou uma casa velha, quase em ruínas, em um vale próximo.

— Se faz questão de saber, é lá a casa dos Shaws. Foi construída com sangue e, se Deus quiser, será destruída com sangue também.

Aquelas palavras me chocaram e a visão da casa me deixou decepcionado. Onde estava toda a riqueza que eu imaginara? Pensei que era preciso ter cuidado para me aproximar. Fiquei observando de longe. Era mesmo um lugar horrível, com ares de mansão mal-assombrada. Com o cair da noite, vi uma fumaça fina sair da chaminé. “Há gente lá dentro”, pensei, decidindo, por fim, ir até lá.

Bati na porta e um silêncio brutal se fez no ar. Não se escutava nem um grilo. Bati de novo e escutei um barulho de janela se abrindo acima de mim. Olhei para o alto e dei de cara com o cano de uma espingarda.

— O que quer aqui? — **GRUNHIU** um velho atrás da arma.

— Por favor, não atire. Meu nome é David Balfour e tenho uma carta para o sr. Ebenezer Balfour de Shaws.

O homem recolheu a arma, olhou bem para mim e disse, ainda do andar de cima:

— Seu pai está morto?

— Conheceu meu pai? — perguntei, surpreso.

O velho fechou a janela e me deixou entrar.

— Alexander era meu irmão mais novo. Sou seu tio — disse, assim que adentrei o ambiente amplo e vazio, quase sem móveis, da cozinha.

Era um local gelado, escuro, com cheiro de mofo. Eu quase não enxergava nada, pois apenas uma pequena vela estava acesa sobre a mesa, onde observei um prato de cozido e uma caneca de cerveja ainda cheia.

— Meu pai nunca me disse que tinha um irmão — comentei.

— Ah, não? Que **INGRATIDÃO** a dele. Venha comer alguma coisa. Fique com meu jantar. Posso muito bem passar sem ele — disse, resmungando.

Comi com **AVIDEZ** o cozido mal **REQUENTADO**, enquanto tio Ebenezer examinava a carta de meu pai. Assim que terminei, ele me levou através de um corredor estreito, escuro feito breu e empurrou uma porta pesada, que parecia não ser aberta há anos, tamanho o rangido que a madeira fez ao ser movimentada.

— Este é seu quarto. Amanhã nos vemos — disse ele.
— Posso ficar com uma vela?
— Não, não gosto de velas nesta casa. Elas causam incêndio. Quanto menos velas, melhor.

Dito isso, tio Ebenezer trancou a porta a chave, deixando-me naquele lugar escuro e congelante. Enrolei-me no cobertor que tinha dentro da sacola e tentei dormir sobre um estrado de madeira que consegui encontrar pelo **TATO**. A movimentação dos ratos pelo chão quase não me deixou pegar no sono.

De manhã, vi que o cômodo era amplo, com três janelas grandes, embora os vidros estivessem quebrados. “Talvez tenham sido apedrejados”, pensei, lembrando-me das palavras da mulher que me apontara a casa. Bati na porta com todas as forças até que meu tio veio abrir. Preparou outro cozido, disse que eu podia ir me lavar em uma **TINA** do lado de fora, se quisesse, e colocou dois pratos na mesa. Ele me contou algumas histórias da família Balfour de Shaws, depois disse que precisaria sair, e que eu deveria ficar trancado do lado de fora.

— Vejo que não confia em mim, tio Ebenezer. Pois saiba que não suportarei desconfianças. Se me deixar do lado de fora, volto para Essendean, onde tenho amigos que gostam de mim de verdade — disse.

— Acalme-se, rapaz. Nós ainda vamos nos dar bem. Você não precisa partir. Sou seu tio e vou lhe encaminhar na vida. Tenha paciência — respondeu meu tio, dizendo que não pretendia mais sair naquele dia.

Notei apenas que ele foi até a esquina muito rapidamente e entregou uma carta a um mensageiro.

Capítulo 2 UMA ARMADILHA

O dia até que transcorreu bem. Comemos cozido frio no almoço e o mesmo cozido quente no jantar. Pelo jeito, meu tio só se alimentava de cozido. Tive muita satisfação em encontrar livros em latim e em inglês na grande biblioteca empoeirada. Um livro que levava a seguinte dedicatória me intrigou, no entanto:

“Para o meu irmão Ebenezer, no seu quinto aniversário,
Alexander”

Tio Ebenezer havia dito que meu pai era dois anos mais moço que ele.

Como seria possível, então, que meu pai tivesse aprendido a escrever aos três anos de idade? Levantei essa dúvida durante o jantar:

— Quem aprendeu a ler primeiro, o senhor ou meu pai? — perguntei.

— Acho que aprendemos juntos — disse ele, depois de pensar um pouco.

— Então eram gêmeos?

— Não fale bobagens, garoto. Já disse que sou mais velho! — enfureceu-se.

Tio Ebenezer chegou a tremer de raiva, depois se levantou e caminhou para dentro da mansão no escuro, voltando com um punhado de dinheiro.

— Tome, são minhas economias. Para provar que gosto de você.

— Está me dando seu dinheiro?

— Você vai precisar mais do que eu.

— E o que quer em troca? — perguntei, desconfiado.

— Se quiser, poderia ficar morando aqui comigo e me ajudar nas tarefas da propriedade, controlar o trabalho dos **RENDEIROS**.

— Está bem — respondi.

— Agora mesmo, David, preciso de um favor seu. Gostaria que fosse até a torre atrás da casa e pegasse alguns documentos de um cofre. Quero lhe mostrar coisas da nossa família.

Perguntei se poderia levar uma vela, mas tio Ebenezer disse que não queria velas naquela casa. Segundo ele, a noite estava clara e a escada não era muito alta. Recomendou-me apenas ficar perto da parede, pois não havia corrimão. Já do lado de fora, percebi que, na verdade, estava relampejando, mas não imaginava que isso ainda ia me salvar.

Contornei a casa e comecei a subir os degraus da torre no escuro, lembrando sempre de ficar perto da parede. Quando já havia subido um bom pedaço, senti um degrau se quebrar sob meus pés. Joguei o corpo contra a parede e esperei um pouco. Continuei subindo. Quase no topo, um estrondo se fez e um raio riscou o céu. Por causa do relâmpago, pude ver que o chão no alto da torre tinha sido totalmente destruído. Eu estava quase chegando e, se pisasse no último degrau, cairia direto dentro de um **FOSSO** de pelo menos dez metros. Tio Ebenezer tentara me matar.

Desci com todo o cuidado e voltei, sem fazer barulho, para perto da casa. Percebi que meu tio estava atrás da porta. De certo havia confundido o forte ruído do raio com a minha queda. Antes que ele fechasse a porta, entrei no escuro devagar e o agarrei pelo braço, dando-lhe um enorme susto. Joguei-o contra a

parede, fazendo o velho cair sentado no chão, pedindo para que eu não o machucasse.

— Por que quis me matar, tio Ebenezer? — gritei. — Por que se irritou quando perguntei se o senhor e meu pai eram gêmeos? Por que faz questão que eu não vá embora, se não gosta de mim?

Ele disse que estava se sentindo mal, que queria dormir e que me explicaria tudo de manhã. Tranquei-o no quarto e voltei para a cozinha, onde alimentei o fogo do fogão a lenha como nunca havia sido feito naquela casa. Aqueci-me e acabei dormindo, exausto com tantas emoções. Na manhã seguinte, preparei um mingau com um pouco de aveia que encontrei no armário. Servi dois pratos e fui buscar meu tio.

— Coma e depois comece a falar — ordenei. — Não pense que vou esquecer o que o senhor fez ontem.

Mas, antes de meu tio começar a dar explicações, bateram na porta. Era um garoto de uns onze anos com uma carta para o sr. Ebenezer.

— Veja você mesmo — disse meu tio, entregando-me a carta depois de lê-la. Era escrita por um tal sr. Elias Hoseason e dizia o seguinte:

“Caro sr. Balfour de Shaws,

Escrevo-lhe para informá-lo de que meu navio está prestes a zarpar para a América do Norte. Se desejar que eu leve aqueles documentos para o senhor, encontre-me no Albergue de Hawes, em Queensferry. Partiremos hoje à noite.

Capitão Elias Hoseason”

Tio Ebenezer sugeriu que fôssemos até Queensferry. Ele tinha negócios a tratar com o capitão e depois me levaria até o escritório de seu advogado, o sr. Rankeillor.

— Meu advogado é um homem importante e respeitado. Na presença dele, vou lhe dar as explicações que deseja. Depois do que fiz ontem, você não vai acreditar em nada do que eu disser mesmo — propôs.

Refleti sobre minha segurança e cheguei à conclusão de que aquela era uma boa idéia. Pelo menos eu não iria ficar dentro de casa com meu tio. Ele não teria coragem de fazer nada contra mim perto do capitão e do advogado.

No caminho, o garoto que levou a carta foi me contando sobre sua vida a bordo do navio do sr. Elias Hoseason. Disse que se chamava Ransome, que não tinha família, pelo menos não se lembrava da mãe nem do pai. Navegava a bordo do navio *Covenant* para onde quer que fosse.

— O sr. Hoseason é um ótimo capitão, forte e valente, mas quem dirige o barco é o sr. Shuan, o primeiro **IMEDIATO**. Ele bebe muito. Veja o que ele fez

comigo — disse, mostrando-me um enorme corte ainda aberto nas suas costas.

Fiquei horrorizado e perguntei se aquele tipo de violência ocorria sempre. Ele afirmou que sim, mas disse que estava disposto a dar o troco da próxima vez, mostrando uma faca escondida dentro da bota. Ransome disse ainda que não se sentia infeliz.

— Pior são os homens e as crianças levadas como escravos para trabalhar na América do Norte. Esses sim sofrem muito.

— Como assim, levados?

— Raptados mesmo. Vão contra a vontade, por motivos de vingança ou de interesses particulares. Nunca sabemos ao certo por que estão no navio.

Eu disse ao meu tio que não subiria a bordo do *Covenant* em hipótese nenhuma. Ele concordou com a cabeça e seguimos o caminho. Chegando em Queensferry, um sentimento diferente tomou conta de mim. Aquele ar marinho, a visão dos barcos ancorados e dos marinheiros trabalhando nas embarcações próximas ao **CAIS** eram coisas muito novas para um rapaz que nunca saía do interior. Meu tio, percebendo meu fascínio pelo mar, disse que ia ao albergue conversar com o capitão e me mandou, junto com Ransome, dar uma volta pela cidade.

Ransome me mostrou o *Covenant* ao longe e pude ver que o navio estava sendo carregado para sua próxima viagem. Pequenos botes cheios de **MANTI-MENTOS** iam até ele, depois voltavam vazios para o porto a fim de buscar mais coisas. Com sede, Ransome e eu fomos tomar um suco em um pequeno restaurante. Assim que entramos, o dono se dirigiu a mim:

— Você se parece tanto com Alexander.

— O senhor conheceu meu pai?

— Há muitos anos, mas ainda me lembro dele. Pobre Alexander.

O senhor me revelou que meu pai era o filho mais velho dos Shaws e que por isso tio Ebenezer tentara matá-lo para herdar a casa e a riqueza da família. Segundo ele, meu pai abriu mão de tudo, indo viver em Essendean. Caminhando em direção ao Albergue de Hawes, tudo se encaixou na minha cabeça. Eu, David Balfour, era o dono verdadeiro da propriedade dos Shaws, por isso meu tio queria me assassinar.

Tio Ebenezer e o capitão Hoseason estavam a minha espera na frente do albergue. Mal tive tempo de dizer nada e o sr. Hoseason, que era um homem alto, forte, com a pele morena queimada de sol, falou:

— Olá, meu rapaz. Eu estava aqui conversando com seu tio e ele me disse que você nunca subiu a bordo de um navio. Eu gostaria de convidar vocês dois para tomar uma bebida comigo antes que eu saia para mais uma viagem.

— Agradeço, capitão, mas temos um encontro com o advogado — respondi.

— O sr. Rankeillor, sei. Acredito que ele não vá se incomodar com um pequeno atraso — disse ele, já puxando um bote perto da praia e ajudando meu tio a subir a bordo.

Acho que eu estava atordoado com as notícias que acabara de descobrir e também encantado com o mar aos meus pés. Subi no bote e, em poucas remadas, já estávamos próximos ao *Covenant*. Fiquei impressionado com o tamanho do casco e a altura do navio. O capitão pediu que um marinheiro jogasse uma escada de cordas para que subíssemos ao deque. Com um pouco de esforço, escalei a escada e vi o horizonte da **PROA** do navio. Que vista maravilhosa!

— O vento está excelente para começarmos a navegar — disse o capitão.

— Espere aí, não pretendo sair para nenhuma navegação. Onde está meu tio? — perguntei.

Um calafrio percorreu minha espinha. Olhei para baixo e vi o velho remando sozinho em direção à costa. Eu tinha caído em uma armadilha feita por tio Ebenezer e pelo capitão. Logo em seguida, senti uma pancada forte na cabeça e desmaiei.

Capítulo 3 A BORDO DO COVENANT

Quando acordei, estava em um porão escuro e fedorento. Sentia enjôo e muita dor na cabeça. Um homem baixo, de cabelos loiros e olhos esverdeados, apareceu com uma lanterna na mão. Ele cuidou do ferimento na minha cabeça e me ofereceu comida. Eu disse que não conseguia comer nada. Mais tarde, ele trouxe o capitão Hoseason.

— Veja com seus próprios olhos, capitão. Este garoto precisa sair daqui — disse o homem de cabelos loiros.

— Ele fica — ordenou Hoseason.

— Sou o segundo imediato e médico deste navio. O menino está sem apetite, enjoado e com dor. Se recebeu dinheiro para matá-lo, não tenho nada a ver com isso.

— Acalme-se, Riach. Se me diz que o garoto vai morrer, que o levem para o **CONVÉS**.

E assim fui carregado por dois marinheiros até a proa do navio. Senti o vento fresco no rosto e recuperei minhas forças aos poucos. Passei a dormir no

castelo de proa e a tomar um remédio amargo que o sr. Riach me recomendou. Havia muitos beliches lá, onde os marinheiros conversavam animadamente sobre viagens além-mar e embates com piratas. Fiquei sabendo que o *Covenant* estava indo para as Carolinas. Eu havia sido vendido por meu tio para trabalhar em plantações de tabaco nas colônias inglesas.

— Não fique assim tão aborrecido — disse para mim o sr. Riach. — A vida há de ser boa nas Carolinas.

Aos poucos fui conhecendo a rotina dentro do *Covenant*. Quem comandava o navio era o sr. Shuan, o primeiro imediato, do qual Ransome tinha me falado. Era um homem violento, rude e grosseiro, mas somente quando estava bêbado. Sem o efeito do álcool, não era capaz de fazer mal a uma mosca. Já o sr. Riach era mais agradável depois que bebia alguns goles de aguardente. Sóbrio, era uma pessoa muito séria e **TACITURNA**. Quanto ao capitão Hoseason, nada alterava seu estado de humor. Com ou sem a bebida, era sempre firme e envolvente. Passava confiança à tripulação.

O sr. Shuan implicava muito com Ransome e lhe dava bebida. O garoto saía dançando, cantando e fazendo malabarismos no convés, arrancando gargalhadas dos marujos. Eu tinha muita pena dele e ainda hoje o pobre me aparece em sonhos.

Certa noite, aproveitando que o sr. Riach tinha tomado uns bons goles de aguardente e mostrava-se especialmente interessado em conversar, contei-lhe minha história. Ele pareceu tocado e prometeu me arrumar papel, pena e tinta para eu escrever uma carta ao sr. Campbell e outra ao sr. Rankeillor.

— Enviaremos as cartas no próximo porto. Tenho certeza de que, com a ajuda deles, você há de se salvar, David — disse ele, batendo de leve no meu ombro.

Mas o que nós dois não sabíamos é que aquela noite marcaria o início de muitas mudanças dentro do *Covenant*. Eu já tinha ido deitar no meu beliche, quando a porta do castelo da proa se abriu e eu vi Ransome entrar todo ensangüentado, arrastado por um marinheiro.

— Está morto — gritou o marujo. — O sr. Shuan o matou.

O capitão entrou logo atrás, pondo fim ao burburinho que se formara.

— David, venha cá. Você foi designado para servir os oficiais no **TOMBADILHO** — disse, levando-me junto com ele.

O capitão e o sr. Riach protestaram contra a atitude do primeiro imediato, mas por fim acabaram colocando-o na cama e tirando-lhe a garrafa das mãos. O

velho marujo apenas resmungava dizendo que Ransome servira-lhe bebida em um copo sujo.

A partir daquela noite, tomei o lugar de Ransome, preparando e servindo comida aos três oficiais. No começo tive medo de que o sr. Shuan me matasse também, mas logo percebi que o imediato não tinha muita certeza do que fizera. Volta e meia ele segurava no meu braço e dizia:

— Você não estava aqui antes, estava?

— Não, senhor.

— Havia outro garoto antes, não havia?

— Sim, senhor.

Ele largava meu braço e continuava a beber, esquecendo-se de mim. Percebi que não me faria mal e passei a me empenhar no trabalho a bordo. Pelo menos era uma maneira de esquecer que, em breve, eu seria escravo em um país estranho.

Certa madrugada, escutei um barulho e senti que o navio havia batido forte contra alguma coisa. O sr. Shuan veio avisar o capitão que havíamos destruído e afundado um barco menor em meio à forte neblina que fazia.

Um único sobrevivente subiu a bordo. Era um homem robusto, não muito alto, com uma espada na bainha e o olhar desafiador. O capitão Hoseason examinou seu uniforme com cuidado, depois disse:

— Sinto muito pelo barco.

— Eu sinto mais pelos homens que perderam a vida no mar. Eram amigos fiéis, como não existem em sua terra.

— Como assim, minha terra? Você tem uniforme francês e fala como escocês...

— E o senhor, que partido apóia?

— Sou protestante, com orgulho, e apóio nosso rei Jorge.

— Pois eu luto pela França desde 1745. Sou um **JACOBITA** que veio buscar reforços para o exército do rei Luís da França. Um navio francês iria nos resgatar, mas o nevoeiro atrapalhou.

Percebendo que eram rivais políticos, o capitão pegou sua pistola na cintura e ameaçou entregar o jacobita ao rei, mas o tal homem foi esperto.

— Não há motivos para violência, capitão. Deixe-me em algum lugar da costa e lhe darei uma recompensa — disse, em um tom firme e decidido.

— Metade de todas as moedas que tem embaixo de seu cinturão — propôs Hoseason.

— Não posso lhe dar a metade. Este dinheiro pertence ao meu chefe que, como todo escocês de bem, está no **EXÍLIO**.

Os dois discutiram mais um pouco e o capitão aceitou a quantia oferecida pelo tal homem. Depois, enquanto o náufrago descansava no tombadilho, o sr. Riach me chamou. Os três oficiais estavam **CONFABULANDO** em um cantinho escondido da **POPA**.

— David, queremos que nos faça um favor — disse o capitão. — Entre na cabina e pegue as pistolas de dentro do armário. Nunca se sabe do que aquele sujeito é capaz.

Percebi que os três estavam planejando dar cabo da vida do jacobita. Lembrei-me de que o capitão me seqüestrara e que o sr. Shuan matara Ransome a sangue frio. Pensei um pouco e cheguei à conclusão de que o melhor que eu tinha a fazer era contar tudo ao homem. E foi o que fiz, assim que cheguei à cabina.

— Você ficará do meu lado? — perguntou o náufrago.

— Sim, mas poderemos nós dois contra três oficiais e quinze marinheiros?

— Chamo-me Alan Breck Stuart. Sou de uma família de guerreiros.

— Muito prazer, meu nome é David Balfour... de Shaws.

Combinamos tudo sobre o ataque. Eu ficaria no alto do beliche e defenderia a clarabóia e a janela dos fundos do tombadilho, enquanto Alan ficaria responsável por todos que atacassem pela porta da frente. Apesar de sentir muito medo, eu estava confiante.

Capítulo 4 LUTA SANGRENTA

Quando percebeu que eu estava demorando a levar as pistolas, o capitão foi atrás de mim no tombadilho.

— Não se mexa! — ordenou Alan, barrando a entrada do capitão com a espada.

Hoseason olhou para o alto e me viu armado em cima do beliche.

— David, não me esquecerei dessa traição — disse ele, fazendo meu sangue gelar.

O capitão saiu e Alan me preveniu:

— Prepare-se, David, chegou a hora do embate!

Um silêncio tenebroso se fez do lado de fora. O mar estava calmo e as velas cheias, fazendo o navio deslizar suavemente pelo oceano. Esperamos pacientemente até que ouvimos vozes sussurrando e um barulho de aço batendo, que deveria ser dos facões sendo distribuídos no convés. Meu coração batia forte e acelerado. De repente, alguém deu um chute na porta e logo vi que o sr. Shuan trocava golpes de espada com Alan.

— Este homem matou um menino inocente! — gritei.

— Cuide da clarabóia! — ordenou Alan, no momento em que atravessava o corpo do sr. Shuan com a espada.

De fato, cinco homens tentavam entrar pelo alto. Apesar de nunca ter usado uma arma antes, mirei a pistola contra o vidro e atirei. Entre estilhaços e gritos, percebi que atingira um homem. Assustado, atirei mais duas vezes e espantei os marinheiros para longe do tombadilho. Mãos furtivas retiraram o corpo do sr. Shuan da cabina, enquanto Alan e eu nos preparávamos para o segundo ataque.

Dessa vez, os homens entraram enfurecidos no tombadilho. Os que invadiram pela porta da frente receberam golpes certos de espada. Dois marinheiros chutaram com força a janela de trás e quebraram o vidro, munidos de facões. Soltei um grito de pavor e atirei sem olhar. Um deles segurou no cano da arma à minha frente e morreu na hora. Peguei outra pistola e atirei no segundo homem, que caiu sem vida sobre o corpo do companheiro.

Em poucos minutos, tudo se acalmou e a cabina se encheu de fumaça de pólvora. Quando percebi que tudo havia terminado, chorei como uma criança pequena. Eu havia matado dois homens, coisa que nunca imaginei fazer na vida. Alan e eu colocamos os corpos para fora do tombadilho e montamos guarda até o amanhecer.

De manhã, o sr. Riach veio dizer que o capitão se **RENDIA**. Alan aceitou conversar com ele da janela para ter certeza de que não era um **BLEFE**. Quando olhou sobre o convés, viu que quase todos os marinheiros estavam feridos e muitos tinham morrido. Satisfeito, foi negociar com Hoseason.

— Não há ninguém para pilotar o *Covenant*. Você tinha que matar justo Shuan — esbravejou o capitão.

— Que tipo de comandante é você que não sabe pilotar? — provocou Alan.

Ficou decidido que Alan, embora fosse melhor espadachim do que piloto, iria ajudar o sr. Riach no comando do navio. Quando o sr. Riach tivesse adquirido

confiança no leme, Hoseason deixaria Alan em algum lugar da costa e ele lhe daria algum dinheiro, pois era um homem de palavra.

— David e eu dormiremos no tombadilho — anunciou Alan.

— Todo o nosso aguardente está lá — reclamou o sr. Riach.

— Vocês são terríveis. Passam fome, mas não ficam sem bebida — disse Alan.

Propus trocarmos duas garrafas de aguardente por dois baldes d'água, assim pudemos lavar o sangue da pele e da cabina e fazer uma refeição — o melhor pão e as frutas secas reservadas aos oficiais — longe da lembrança da luta.

Na manhã seguinte, Alan e eu ficamos conversando sentados à porta do tombadilho. Contei a ele minha história. Alan, agradecido por eu tê-lo alertado e ajudado, arrancou com a faca um botão de seu casaco e me deu de presente.

— Foi de meu falecido pai — disse, emocionado.

Ele contou que o pai, um legítimo Stuart escocês, morreu pobre e não deixou herança. Alan, então, teve de se alistar no exército inglês para não passar fome e receber alguma educação, mas **DESERTOU** em 1745.

— Desertou? — perguntei, impressionado. — Isso é crime!

— Os escoceses foram expulsos de suas terras. Muitos estão exilados. Fui servir ao rei da França, que nos ajuda a lutar pelos nossos direitos.

— Quem os expulsou?

— Os Campbell — disse Alan, com ódio saltando dos olhos.

Muito espantado, contei a ele sobre o sr. Campbell e sobre minha criação em Essendean. Disse que os Campbell eram gente muito boa, mas Alan não quis saber.

— Não posso pensar em fazer outra coisa a não ser atirar, caso encontre um Campbell pelo caminho. Você nunca ouviu falar no “Raposa Vermelha”, suponho.

— Raposa Vermelha? — perguntei, surpreso.

— Deixe-me começar pela batalha em Culloden, quando os homens do meu **CLÃ**, que são os Stuarts, os Maccolls e os Macrobs, foram derrotados pelos ingleses. Muito bem, depois disso, Ardshiel, capitão do clã e meu chefe, foi obrigado a fugir com mulher e filhos para a França. Lá, ele vive com a caridade dos montanhese e reideiros de Appin, nossa terra.

— Como assim? Não entendo. Os reideiros não pagam impostos ao Rei Jorge?

— Eles trabalham dobrado e conseguem dinheiro para mandar além-mar e sustentar Ardshiel, seu chefe tão venerado. Eu sou o mensageiro, aquele que transporta o dinheiro até James de Glens Stuart, meio-irmão de Ardshiel. Ele administra a quantia aqui da Escócia, em Aucharn.

— E quanto ao tal Raposa Vermelha?

— É um sujeito velho e ruivo, que se chama Colin Roy Campbell de Glenure.

— Um Campbell?

— Para você ver que eles não são tão bons quanto pensa. Ele apareceu nas terras de Appin, que pertenciam ao nosso clã, e apresentou uns documentos falsos a James de Glens Stuart. Disse ter ordens do rei para expulsar todo mundo, confiscar as armas e destruir costumes. Tanto é que ninguém nas Highlands, as terras altas, tem permissão para vestir o **KILT**.

— Ele fez isso por ganância?

— Exatamente, caro David. Ele quer ver Ardschiel na miséria. Não admite que seus reideiros lhe mandem dinheiro. Colocou em nossas terras outras pessoas, gente que só trabalha para o Rei Jorge, ainda que não tenha habilidade nenhuma.

— E você, voltou à Inglaterra somente para arrecadar o dinheiro de seu chefe?

— Volto todo ano, desde 1746, para visitar os amigos e recrutar soldados escoceses para o exército francês. Eram escoceses os pobres homens que morreram afogados quando o *Covenant* nos atingiu.

— Não teme por sua vida?

— Sei que posso ser enforcado se o exército inglês me descobrir, mas não tenho medo. Confio que não serei apanhado, afinal um soldado não ocupa mais espaço que as solas de suas botas. Os campos e os rios são enormes. Há muito lugar para me esconder.

Depois disso, Alan ficou pensativo e calado. Além de ótimo espadachim e exímio atirador, Alan era bom músico. Tocava gaita escocesa como ninguém e declamava poemas em inglês e francês.

Capítulo 5 A ILHA

Em uma bela noite de luar, o sr. Riach veio cobrar de Alan a ajuda que ele prometera dar no comando do navio. Estávamos próximos às ilhas de Mull e a costa estava cheia de **RECIFES**.

— Você conhece o mar por aqui? — perguntei, temeroso, a Alan.

— Não muito bem, mas sei que estamos perto da terra dos Campbell, o que me faz ter muita raiva.

— Não é tempo para ódio. Vamos, assuma o leme e nos conduza para fora

desses recifes — pedi, com determinação. — Que praia é aquela ao longe? — perguntei.

— A praia de Earraid — respondeu Alan, pegando no **TIMÃO**.

O capitão, o sr. Riach e os outros membros da tripulação ficaram em silêncio. Um homem subiu no mastro principal e dava gritos de alerta toda vez que avistava um recife, enquanto Alan pilotava com cuidado. Quando a costa ficou lisa, sem sinal de rochas, o capitão Hoseason cumprimentou Alan:

— Parabéns, você salvou meu navio e também nossas vidas.

Não houve nem tempo para agradecimentos. De uma hora para outra, ouviu-se um baque violento na proa. O barco se chocara contra um recife isolado, quando todos acreditavam estar a salvo. O madeirame da proa ficou totalmente destruído e a água começou a tomar conta do convés.

— Baixem o bote! — ordenou o sr. Riach.

Todos correram para fazer a operação, mas havia algum cabo preso. Não era possível soltar o bote. Em poucos minutos, as ondas invadiram o tombadilho e o castelo de proa, fazendo o navio se partir ao meio. Fui atirado para longe e caí no mar. Eu não sabia nadar direito, estava acostumado às lagoas rasas de Essendean.

— Socorro! — berrei, mas não ouvi resposta.

Consegui me agarrar a uma viga de madeira. Olhei para trás e vi partes do *Covenant* afundando, mas não enxerguei nenhum dos meus companheiros. Resolvi bater perna com todas as forças e tentar chegar à praia de Earraid. Levei uma hora, mas consegui alcançar a areia, extasiado de cansaço. Já em terra firme, dormi exausto sobre uma pedra.

Os dias que se seguiram foram os piores da minha vida. Quando acordei, o tempo estava chuvoso. Olhei para o mar e não vi mais sinal do *Covenant* nem da tripulação. Minhas roupas estavam encharcadas, eu sentia frio e fome. Para completar, percebi que o pouco dinheiro que me restava tinha caído no mar. Meu bolso estava furado e apenas algumas moedas ainda estavam lá.

Caminhei pela praia e encontrei alguns mariscos. Comi com avidez, mas logo depois passei muito mal. Minha barriga doía tanto que me fazia curvar o corpo para a frente. Quando melhorei, subi em um monte próximo e olhei ao redor. Era uma pequena ilha. Parecia desabitada, mas consegui ver fumaça no outro lado de um morro.

Andei em direção à fumaça, mas logo me deparei com um rio que, na verdade, era um braço de mar. Pensei que conseguiria cruzar com facilidade, mas logo vi que era fundo demais. Voltei à praia em busca da viga que me ajudara no naufrágio, mas ela tinha sido levada pelo mar. Chorei de frio, de fome, de medo de nunca conseguir sair daquela ilha.

Somente no quarto dia, quando eu já estava com o estômago revirado de comer mariscos, as roupas rasgadas e a pele enrugada de tanto frio e umidade, avistei um barco. Acenei, pulei de pedra em pedra pela costa gritando para os marinheiros. Eles me viam e davam risada. Acenaram de volta e seguiram adiante. Naquela hora, o desespero tomou conta de mim. Entrei em verdadeiro pânico. Xinguei, chorei, esbravejei contra o mundo, puxei meus cabelos e me debati no chão.

Acabei dormindo e, quando acordei, o tempo estava mais quente e eu me sentia melhor. Minhas roupas tinham secado e meu estômago se acalmado. Então resolvi pedir perdão. Ajoelhei-me e pedi desculpas por eu ter matado dois homens. Depois pedi a Deus para me ajudar a perdoar meu tio, o capitão Hoseason, até o sr. Shuan, por ter matado Ransome.

Como uma espécie de resposta, vi o barco do dia anterior voltando e chegando perto da praia. Corri para lá e acenei de novo, gritando ainda com mais força. Os marinheiros desembarcaram e tentaram se comunicar comigo em **GAÉLICO**, sempre rindo muito. Eu não entendia a língua deles, nem o motivo da risada.

— Maré — disse um deles, em inglês, apontando na direção do braço de mar que tentara cruzar dias atrás.

— Maré? O senhor não quer dizer que quando a maré está baixa...?

Não terminei a frase. Corri para o lugar onde ele apontava e vi que o braço de mar estava tão raso que dava para atravessá-lo com água nos tornozelos. “Como pude ser tão tolo?”, pensei. Um garoto criado à beira-mar não passaria um dia em Earraid. Acho que teria morrido ali se não fossem aqueles marujos com linguajar estranho.

Deixei a ilhota e consegui chegar à casa de onde saía a fumaça pela chaminé, na ilha de Mull. Os moradores — um casal já de certa idade - eram montanheseiros muito hospitaleiros das Highlands, que falavam inglês com dificuldade. Descobri, através deles, que meus companheiros tinham sobrevivido, pelo menos alguns deles.

— Você é o garoto do botão de prata? — perguntou o bom velho.

— Sim, sou eu! — respondi, mostrando-lhe o botão que, por sorte, não tinha se perdido nas águas do mar.

— Tenho um recado pra você. Você deve seguir até Torosay.

Depois de receber um bom prato de comida, água limpa para me lavar e um colchão para passar a noite, deixei a casa dos montanheseiros refeito e animado. Seguindo as instruções dos meus anfitriões, caminhei cerca de oitenta quilômetros em quatro dias até chegar a uma estalagem em Torosay. Lá conheci o dono do

lugar, que fazia parte do clã dos Maclean, um homem culto e agradável, que falava bem o inglês, o francês e o latim. Conversamos durante o jantar até que eu pedi um quarto. Minhas moedas ainda davam para pagar a hospedagem. Dormi cansado, mas esperançoso de encontrar Alan.

Capítulo 6 O FIM DO RAPOSA VERMELHA

De manhã, o dono da estalagem confessou ter vistoriado meu quarto enquanto eu dormia. Descobriu o botão de prata nas minhas coisas e disse que um homem com a descrição de Alan mandara eu seguir até Aucharn, em Appin, pelo rio. Ele me esperaria lá.

Na verdade, precisei pegar várias embarcações até chegar a Appin, a terra de Alan Breck Stuart. Caminhei por algumas estradas seguindo indicações de pessoas na beira do rio. Julgava estar perdido, quando avistei uma pequena comitiva a cavalo vindo na minha direção.

Eram quatro homens. O primeiro era um ruivo envelhecido, vestido com roupas de fidalgo. Trazia junto com ele um advogado, que reconheci pela peruca branca, costume dos advogados da época, além de um criado e um soldado.

— Olá, poderiam me indicar o caminho de Aucharn? — perguntei.

O ruivo parou seu cavalo, olhou para mim com ar desconfiado e disse:

— O que você quer em Aucharn?

— Procuo um homem que mora lá.

— James de Glens Stuart, presumo.

— Isso não importa — respondi, dando-me conta de que eu fora muito ingênuo.

— Acha que James de Glens está reunindo sua gente, sr. Glenure? — perguntou o advogado.

— Não sei, mas pode ser — respondeu o ruivo.

Glenure, aquele nome eu sabia de quem era. Eu estava diante do próprio Raposa Vermelha.

— Não sou da gente dele — disse eu. — Sou um súdito do Rei Jorge e não devo nem temo a ninguém.

Nessa hora, Glenure olhou para o advogado e não teve tempo de reagir. Um tiro ecoou do alto da montanha e o atingiu em cheio. Ele caiu no chão, dizendo:

— Estou morto, estou morto!

O advogado ainda tentou socorrê-lo, mas não havia mais nada que pudesse ser feito. O Raposa Vermelha respirou algumas vezes com dificuldade e mor-

reu ali, na minha frente. O criado soluçou feito criança. Vi um homem de casacão preto subindo a colina.

— O assassino! O assassino! — gritei, correndo atrás dele, mas o sujeito se embrenhou no mato e desapareceu.

Olhei para baixo e vi o advogado, o criado e um bando de soldados, que foram alertados com um tiro para o alto dado pelo policial da comitiva, correndo atrás de mim.

— É ele, o rapaz que nos fez parar na estrada. De certo quis nos distrair para que o assassino pudesse atirar! — disse o advogado.

Entrei no mato e desci a colina pelo outro lado, fugindo dos tiros e da gritaria que vinha no meu **ENCALÇO**. De repente, senti uma mão pousar sobre o meu ombro. Voltei-me para trás e dei de cara com Alan, fazendo sinal para eu não dizer nada e segui-lo. Entramos no rio e caminhamos cerca de duzentos metros, depois subimos a montanha por uma via fechada, esgueirando-nos pelos arbustos, segurando em raízes e caminhando com o máximo de cuidado. Lá do alto, vimos os soldados à nossa procura.

— Agora podemos descansar — disse Alan. — Esses palermas vão andar quilômetros atrás de nós e não vão nos encontrar.

— Atrás de nós? — questionei. — Então foi você que matou o Raposa Vermelha?

— Esqueceu-se de que sou um foragido do exército inglês? Não fui eu que o matei, mas vi tudo de longe.

— Como posso ter certeza de que você não é um assassino frio e **CALCULISTA**?

— Veja, não carrego armas de fogo comigo. Estou apenas com meu punhal.

— E você sabe quem foi?

— Não sei. Vi que usava um casacão escuro.

Achei melhor acreditar em Alan, mas ainda estava incomodado. Não estava totalmente certo de que não fora ele o assassino. Ainda mais depois de todas as coisas que ele dissera no navio. Comuniquei que eu iria partir sozinho. Pretendia voltar a Essendean, onde eu tinha raízes e amigos.

— Se for pego, vai para a **FORÇA** — alertou-me Alan. — Você está em terras tomadas pelos Campbell. Acha que eles serão bonzinhos com você? Vai ser muito difícil provar que não tem nada a ver com o assassinato de Colin de Glenure.

Acabei concordando em seguir viagem junto com Alan até Aucharn. Eu não queria ser enforcado. Descansaríamos na casa de James de Glens Stuart e depois seguiríamos até as terras baixas.

— É uma boa idéia deixar as Highlands e ir acertar contas com meu tio. Preciso ir a Queensferry falar com o sr. Rankeillor, advogado dele — disse eu.

No caminho, Alan me contou como se salvou do naufrágio:

— Um grupo de sete marinheiros, o capitão, o sr. Riach e eu conseguimos tomar o bote antes de o *Covenant* afundar. Quando chegamos em terra, Hoseason mandou os marinheiros me atacarem, pois tinha sido eu, segundo ele, o responsável pelo fim do navio. Por sorte, Riach intercedeu dizendo que não permitiria que fizessem nada contra mim.

— O sr. Riach é um bom homem. Ele tentou me ajudar, é verdade que a seu modo — disse eu.

— Achei estranho ele ter me defendido daquele jeito, mas achei melhor correr a ficar na praia para ver o que ia acontecer.

— E como sabia que eu havia sobrevivido? Deixou mensagens para mim pelo caminho.

— Vi quando agarrou a viga e julguei que tinha conseguido chegar à praia.

Capítulo 7 INÍCIO DA FUGA

Chegamos à casa de James de Glens Stuart, em um lugar escondido na floresta, de madrugada. Encontramos a família em **POLVOROSA**, com medo de que James fosse acusado pelo assassinato do Raposa Vermelha. A sra. Stuart chorava, alguns filhos queimavam papéis importantes que pudessem comprometer o clã do qual faziam parte, outros enterravam armas em um local afastado.

Fomos muitíssimo bem recebidos por todos. James saudou a Alan e a mim, que fui apresentado como um grande amigo das terras baixas, mas não disfarçou a preocupação.

— Antes não tivessem matado Glenure — disse James. — A qualquer momento, os **JAQUETAS VERMELHAS** estarão aqui e, com certeza, acharão que o assassino foi um dos nossos.

Alan tentou tranquilizá-lo, mas o homem estava muito tenso. Não parava de dar ordens aos filhos e a alguns ajudantes. Trocamos de roupa. A sra. Stuart me entregou uma calça e uma camisa. Alan vestiu um uniforme francês limpo, embora soubesse que isso era uma loucura. Fizemos uma bela refeição, dormimos o dia todo em um local escondido atrás da casa e nos aprontamos para partir com o cair da noite.

Na despedida, James Stuart entregou uma espada a cada um de nós, um punhado de aveia e um pouco de dinheiro. Disse que preferia não saber meu nome, pois, se fosse interrogado, não correria o risco de me entregar. Temia ter de dizer ao exército inglês que Alan estava na Escócia. Era a única maneira de despistar os jaquetas vermelhas e talvez salvar sua família.

— Eu detesto ter de fazer isso a um amigo, mas, se for preciso, você me perdoará, não é Alan? — disse James, com lágrimas nos olhos.

Alan abraçou forte o amigo, em um sinal de compreensão.

— Por que não acusa o verdadeiro assassino, sr. de Glens? — perguntei.

Alan e ele soltaram uivos de indignação. Disseram que nunca poderiam fazer uma coisa dessas com um Cameron, dando-me a certeza de que o matador era um Cameron da região de Mamore.

Nossa fuga seria longa e perigosa. Começamos por atravessar uma floresta de pinheiros. Era preciso tomar muito cuidado, pois a cada passo as folhas secas faziam um barulho enorme, podendo alertar os soldados que estivessem por perto. Descemos um barranco alto antes de amanhecer e, quando a luz do sol chegou, estávamos diante de um vale aberto, sem um arbusto para nos esconder.

— Vamos ter de atravessar este vale — sussurrou Alan. — Acha que tem coragem?

Concordei com a cabeça e começamos a correr meio abaixados a toda velocidade. Chegamos a um rio cheio de pedras. Alan começou a cruzá-lo saltando de uma pedra para outra. Eu não era acostumado a andar sobre pedras e tinha medo de escorregar. Quando, quase do outro lado, vi Alan saltar feito um canguru para a outra margem, parei. Havia uma correnteza violenta diante de mim.

— Venha! — disse Alan, olhando para os lados.

— Fechei os olhos e pulei, mas caí em cheio dentro da água.

Alan conseguiu agarrar meu braço e me puxou, salvando-me a vida. Sem tempo de me recuperar, saí correndo atrás dele, pois o campo ainda era muito desprotegido. Mais à frente havia um rochedo bem alto. Escalamos a pedra e atingimos o topo, onde ficamos escondidos em uma pequena **REENTRÂNCIA**. Lá pudemos respirar e descansar um pouco. Logo Alan começou a praguejar:

— Que droga! Como pude ser tão estúpido a ponto de não ter trazido meu cantil cheio d'água? Veja, está vazio — mostrou-me. — Justo eu, um fugitivo tão experiente...

Ficamos no topo daquela pedra o dia todo, pois era muito perigoso caminhar de dia. O exército inglês devia estar por toda parte. O calor e a falta d'água quase nos faziam delirar. Logo que o sol se escondeu, descemos do rochedo e caminhamos, mal nos agüentando em pé.

Cerca de três quilômetros adiante, encontramos um riacho. Que maravilha! Mergulhamos, matamos a sede, nadamos até a água gelar nossos ossos. Preparamos uma papa de aveia com água e, depois de nos sentir mais fortes e alimentados, seguimos viagem pela noite escura.

Passamos cinco dias escondidos em uma caverna entre Appin e Mamore. Havia um riacho com trutas que passava dentro dele, de onde tiramos nosso sustento, e até um local bem no interior, onde se podia fazer fogo com segurança. Alan me deu algumas aulas de espada, enquanto estivemos lá. Na quarta noite, Alan me disse:

— Vou até um vilarejo próximo tentar descobrir o que está acontecendo. Tenho amigos em todos os clãs. Eles devem saber de algo.

Voltou trazendo um folheto no qual se oferecia uma recompensa pela captura de Alan Breck Stuart e de um rapaz de uns dezoito anos em sua companhia. Havia uma descrição não muito fiel de mim, o que me deixou feliz. Pensei que, se Alan e eu seguissemos caminhos diferentes, eu não correria tanto perigo assim, afinal, ninguém me conhecia, com exceção dos três homens da comitiva do falecido Colin de Glenure. Não desconfiariam de um rapaz andando sozinho por aí. Mas Alan demonstrava tanta amizade e dedicação comigo, que não tive coragem de abandoná-lo. Arrumamos nossas coisas e deixamos a caverna.

Capítulo 8 A BRIGA

Resolvemos seguir para leste, pois era o rumo mais seguro.

— O sul está cheio de Campbells e o norte não interessa, já que eu quero ir para a França e você para Queensferry — disse Alan.

No dia seguinte, escondidos no meio do mato, revezamos turnos de guarda. Eu dormi primeiro, depois Alan. O problema é que, quando Alan me acordou, senti que fazia apenas dois minutos que eu tinha ido dormir, tamanho o sono e o cansaço que meu corpo apresentava. Como não tínhamos relógio, Alan fincou um graveto no chão e disse, marcando a terra com o dedo:

— Quando a sombra chegar a esse ponto, pode me acordar.

O fato é que cochilei no meu posto e, quando despertei, percebi que havia uma **INFANTARIA** ao longe, vindo na nossa direção. Acordei Alan, em desespero. Ele olhou para a sombra do graveto no chão muito além do local marcado e percebeu o que tinha acontecido.

— Vamos, não temos tempo! — sussurrou.

Caminhamos de joelhos, as mãos apoiadas no solo como dois **QUADRÚPEDES**. Alan ia muito ligeiro e eu tentava acompanhá-lo. Em pouco tempo, minhas mãos estavam **ESFOLADAS** e doloridas. Meus joelhos sangravam a cada movimento por entre a vegetação. Quando a noite caiu, vimos de longe que os soldados se preparavam para montar acampamento. Implorei a Alan para descansarmos também, mas ele foi duro:

— Não podemos perder a vantagem. Vamos caminhar a noite toda.

Pelo menos agora podíamos ficar em pé, embora a exaustão fizesse que eu não sentisse as pernas direito.

— Está vendo aquela montanha à nossa frente? — perguntou Alan.

— Aquela bem longe?

— Sim. Chama-se Ben Alder. É para lá que vamos. Conheço pequenas cavernas onde podemos nos esconder.

A visão da distância que teríamos de percorrer me fez fraquejar, mas segui Alan com determinação. Sentia dor no corpo todo, sede, pois nossa água já havia acabado, e fome. De manhã, quando estávamos quase chegando, um susto.

— Deitem-se no chão — disse um homem, na companhia de outros três que nos colocavam punhais contra a nuca.

Alan conversou com eles em gaélico e descobriu que eram sentinelas de Cluny Macpherson, chefe do clã dos Vourich. Desfeitos os mal-entendidos, fomos levados a uma grande casa no alto de uma árvore, conhecida como Gaiola de Cluny. Era um lugar muito diferente, com bancos e móveis de madeira presos aos galhos para não voarem. O sr. Cluny era um homem acostumado a viver isolado. Preferiu ficar na Gaiola em vez de fugir para a França, como outros chefes de clãs.

Passamos dois dias naquela casa, embora eu quase não me lembre de nada. Tive uma espécie de desmaio, logo que cheguei, e só consegui me recuperar um bom tempo depois. Dormi a maior parte do tempo, enquanto Alan jogava cartas com o sr. Cluny. Em um determinado momento, Alan veio me acordar e pediu:

— Você me empresta seu dinheiro?

— Para quê? — perguntei.

— Não importa, quero saber se vai negar uns trocados a um amigo que até já te salvou a vida.

Entreguei as poucas moedas que tinha e voltei a dormir, sentindo a cabeça pesada e o estômago meio enjoado. De manhã, um dos sentinelas veio avisar que o sul estava livre. Ele aconselhava continuarmos nossa fuga. Na hora da despedida, Alan estava muito cabisbaixo.

— Não fique assim, Alan Breck. Tome aqui seu dinheiro de volta em dobro. Está pensando que é fácil vencer um homem que passa a vida de chinelos e gorro treinando jogos de cartas?

Alan agradeceu o dinheiro, envergonhado, e partimos. Segundo o sentinela de Cluny Macpherson, deveríamos seguir para Balwhider.

— Essa terra é infestada de Campbells! — disse Alan. — Não quero ir por lá.

— Um mensageiro informou que não há soldados naquela área — disse o homem, convencendo-nos a seguir até Balwhider.

No caminho, questionei Alan:

— Por acaso perdeu todo o seu dinheiro no jogo lá na Gaiola?

— Sim — respondeu ele, em voz baixa.

— E o meu também?

Ele balançou a cabeça para a frente.

— Como pôde fazer isso? — perguntei, indignado. — Se não fosse o sr. Cluny, estaríamos na miséria, sem dinheiro para comer nem para emergências de qualquer natureza!

Discutimos feio, praticamente ignorando que não podíamos gritar, uma vez que estávamos nos escondendo.

— Não pode me acusar por um deslize. Você também errou e eu nunca o recriminei.

— Foi diferente! — gritei! — Eu não dormi no meu turno de guarda porque quis. Foi um acidente, eu estava exausto!

Passamos a caminhar em silêncio. Não conversávamos mais nem cantarolávamos baixinho como antes. Nós dois éramos orgulhosos e não dávamos o braço a torcer. Alan, depois de uns dois dias, engoliu o orgulho e tentou falar comigo, desfazer o mal-estar, mas eu não respondi. Vendo meu cansaço, ele disse:

— Deixe-me carregar sua sacola.

— Não me aborreça — respondi, rispidamente.

Ele se ofendeu e voltou a virar a cara para mim. O pior é que comecei a me sentir mal de novo, como nos dias que passamos na Gaiola. A tontura me fazia ver tudo rodando e uma pontada forte na lateral do corpo foi ficando insuportável. Alan caminhava na frente e nem olhava para trás. A cada passo, eu achava que ia desmaiar.

Para não demonstrar fraqueza, continuei andando rápido, mas não sabia quanto tempo agüentaria. Foi quando uma coisa tomou conta da minha mente: “Acho que vou morrer aqui”, pensei. E a cada pensamento eu sentia a morte mais próxima. De repente, levei um tombo no chão e caí, mal conseguindo abrir os olhos.

— David, o que está acontecendo, meu rapaz? — perguntou Alan, voltando para me socorrer.

— Acho que essa fuga é algo muito além das forças de um garoto como eu.

— David, David, você tem razão. Você é só um garoto. Como pude me esquecer disso? Essa fuga é difícil até para mim, um homem acostumado a uma vida de foragido... — disse ele, jogando água no meu rosto.

— Acho que estou morrendo, Alan. Desculpe eu ter sido tão orgulhoso.

— Não diga nada, sou eu que devo pedir desculpas. Você é um grande amigo.

— Amigo, eu? Cresci dentro dos valores de um Campbell, lembra? Sou protestante e você é católico.

— Sei que gosto de você e isso basta.

— Será que não há casas por perto? Acho que seria mais fácil morrer em uma cama quentinha do que aqui, na beira de um rio gelado.

Alan passou um dos meus braços em torno do ombro dele e me amparou.

— Acha que consegue caminhar? Vamos encontrar uma casa, sei que vamos.

— Desse jeito consigo — respondi, sentindo cada vez mais forte a pontada do lado do corpo.

Capítulo 9 RUMO A QUEENSFERRY

Belwhider não era comandada por um único clã, então tínhamos de tomar cuidado para não entrar em uma casa que fosse de um clã inimigo. Alan, no entanto, não estava preocupado com isso, queria apenas me ver bem. Bateu na primeira porta que encontrou que, por sorte, era de um Maclaren, amigo dos Stuarts.

Um médico foi chamado e eu precisei ficar quase um mês de cama até conseguir me recuperar. Recebi atenção, comida farta e um ótimo quarto do sr. e da sra. Maclaren. Alan passava os dias escondido em uma montanha próxima e ia me visitar toda a noite. Alguns vizinhos me viram e talvez tenham até reconhecido o rapaz do panfleto que tinha a cabeça a prêmio, mas nenhum deles pensou

em me **DELATAR**.

Quando finalmente o doutor me autorizou a caminhar, Alan e eu partimos em direção a Limekilns. Estávamos revigorados e felizes, já que minha vida não corria mais perigo. Em Limekilns havia uma ponte sobre um rio, uma ligação para Queensferry, meu destino. Isso me dava ainda mais ânimo. Lá chegando, no entanto, não conseguíamos cruzar para o outro lado.

— Que droga! Os jaquetas vermelhas nunca arredam pé da ponte! — disse Alan, enquanto passávamos noites e noites vigiando para encontrar um momento de descuido e correr até Queensferry.

Compramos pão com queijo em um pequeno armazém. A moça que atendeu era muito simpática, então Alan me disse:

— Vamos pedir que ela nos arrume um barco.

— E se ela desconfiar que somos fugitivos?

— Precisamos arriscar. Não podemos ficar aqui para sempre.

Foi então que tive uma idéia. Perguntei a ela se já tinha ouvido falar no sr. Rankeillor.

— É claro que sim. É um homem de muito respeito por aqui — disse a moça.

— Pois então, preciso chegar até ele, mas não posso cruzar a ponte.

— E por que não?

— É melhor que eu não lhe diga, para o seu próprio bem, mas garanto que é por uma causa nobre.

A bela senhorita ficou pensativa e disse que não sabia o que poderia fazer para nos ajudar. Alan intercedeu rapidamente:

— Peça para alguém de confiança nos levar de barco para o outro lado.

— Vou ver o que consigo, mas vocês devem ficar escondidos perto do rio até o anoitecer. E saibam que só estou fazendo isso em nome do sr. Rankeillor — disse ela.

Ficamos deitados atrás de uns arbustos o dia todo. De madrugada, ouvimos um assobio. A própria senhorita estava a bordo de um pequeno barco emprestado de seu pai. Não tivera confiança em mandar ninguém para nos atravessar.

E foi graças a ela que, assim que amanheceu, estávamos em Queensferry. Mesmo com medo de ser apanhado, pedi algumas informações na rua e cheguei à casa do sr. Rankeillor, enquanto Alan se escondia nos arredores da cidade. Um velho senhor de peruca branca abriu a porta para pegar o jornal e deu de cara comigo.

— O que faz aqui, rapaz? — perguntou o sr. Rankeillor, atônito.

— O senhor me conhece?

— É a primeira vez que o vejo, mas a semelhança com o seu pai é tão grande que eu o reconheceria em qualquer lugar do mundo. Entre, vamos.

Dentro do conforto de seu escritório, o advogado me disse que não precisava ter nenhum tipo de **RECEIO**. Ele ficou sabendo que meu tio me vendera para as colônias e tinha decidido não trabalhar mais para o velho Ebenezer.

— E como soube do meu rapto? — perguntei.

— Hoseason apareceu aqui dizendo que você tinha morrido em um naufrágio. O sr. Campbell chorou muito quando lhe dei a notícia.

— E meu tio?

— Jura que lhe deu dinheiro e o mandou estudar em algum canto da Europa.

Resolvi contar tudo ao sr. Rankeillor, até mesmo a história do assassinato de Colins de Glenure. Quando mencionei Alan Breck Stuart, o sr. Rankeillor interrompeu:

— Não pronuncie esse nome, é melhor que eu não saiba de nada. Se eu soubesse onde ele está, seria minha obrigação entregá-lo ao rei. Mas, pelo que você está me contando, ele é seu amigo, salvou sua vida por duas vezes. Vamos dar um jeito de ajudá-lo a voltar à França — disse o advogado, em voz baixa.

Depois disso, o sr. Rankeillor me deu roupas limpas que pertenciam a seu filho, água para me lavar e comida à vontade.

— Durma um pouco. Quando acordar, vou lhe contar a verdade sobre o que houve entre seu pai e seu tio — disse.

Capítulo 10 EM BUSCA DA MINHA HERANÇA

Depois de um merecido sono, fui me encontrar com o sr. Rankeillor na sala de estar. Eu estava ansioso para saber a história sobre os irmãos Shaws.

— Muito bem, David, o que tenho para lhe contar é que, quando jovens, seu pai e seu tio se apaixonaram pela mesma mulher.

— Minha mãe? — perguntei, curioso.

— Isso mesmo, sua mãe. Em função desse amor, eles brigaram e tiveram discussões horrorosas. Toda a cidade sabia.

— E o que minha mãe achava disso?

— Ela gostava de seu pai, mas para não causar ainda mais **DESAVENÇA** entre os irmãos, ela foi embora para Essendean. Apaixonado, seu pai foi atrás dela, mas antes fez um acordo com Ebenezer: assinou um papel abrindo mão da propriedade dos Shaws. Trocou a riqueza pelo amor.

— E por que todos acham que tio Ebenezer tentou matar meu pai?

— Em primeiro lugar pelo sumiço repentino, sem explicação, dos dois amantes. Com a partida do irmão e da mulher amada, o sr. Ebenezer de Shaws foi ficando triste e amargurado. Tudo o que fazia era se importar com dinheiro, com os lucros da propriedade. Tornou-se um sujeito **AVARENTO**, que não queria a companhia de ninguém. Acho que as pessoas imaginaram que ele tinha tentado assassinar Alexander e o boato se espalhou. Aos poucos, a casa foi ficando decadente, embora a terra ainda esteja arrendada e produzindo muito bem. Ele, no entanto, vive como um homem pobre.

— E quanto a mim?

— Não importa o que seu pai assinou na época. Você é herdeiro legítimo dos Shaws. No entanto, provar isso na justiça pode ser demorado e **DISPENDIOSO**.

— E o que o senhor sugere?

— Sugiro desmascarmos seu tio em relação ao seqüestro, assim ele toma um susto. Então nós o fazemos assinar um documento preparado por mim, no qual você permite que ele fique na casa, onde vive há tantos anos, mas exige receber um pagamento mensal referente ao lucro das terras.

Concordei com o sr. Rankeillor e disse que tinha um plano. Em princípio, o advogado não gostou muito, pois envolvia a participação de Alan, mas acabou concordando. Feitas as combinações, o sr. Rankeillor e eu saímos depois do jantar e fomos nos encontrar com meu amigo.

Assobieei algumas vezes quando nos aproximamos da montanha atrás da cidade. Não tardou para Alan assobiar de volta. O sr. Rankeillor cumprimentou-o, mas deixou claro que não estava usando óculos.

— Não se surpreenda se eu não o reconhecer, caso encontre-o na rua em alguma ocasião, sr. Thomson — disse ele, a Alan.

— Sr. Thomson? — perguntou Alan, sem entender nada.

— Para mim o senhor se chama Thomson — disse o advogado, em um tom firme.

Alan e eu percebemos que o advogado não queria seu próprio nome envolvido com o de Alan Breck Stuart e tratamos de seguir até a casa de meu tio. Lá chegando, colocamos meu plano em prática. O sr. Rankeillor e eu nos escondemos. Alan foi para a porta da frente e bateu com força. Demorou quase quinze minutos até que meu tio aparecesse com sua espingarda.

— Quem é você? O que quer a essa hora? — perguntou, sonolento.

— Tenho um assunto importante, do interesse do senhor — disse Alan.

Depois de muito argumentar e insistir, Alan conseguiu que tio Ebenezer abrisse a porta. Dentro da cozinha escura, com um toco de vela sobre a mesa,

Alan começou:

— Ocorre que tenho uns amigos fora da lei, meio perigosos, que acharam um rapaz desacordado depois de um naufrágio na ilha de Mull. O garoto está trancafiado em uma torre, dando prejuízo. Agora descobriram que ele tem família rica e pediram que eu viesse falar com o tio do rapaz, no caso o senhor, para lhe pedir um resgate.

— Não tenho interesse em pagar pelo rapaz. Ele não me interessa.

— Então quer dizer que podem colocá-lo na rua e deixar que faça o que quiser?

— Como assim? Não acompanho seu raciocínio.

— Das duas uma: ou o senhor gosta de seu sobrinho e quer pagar pela liberdade dele ou quer pagar para que meus amigos fiquem com ele. Pelo jeito é a segunda opção.

— Já vi que não vai sair daqui sem dinheiro — resmungou o velho.

— O senhor o quer morto ou prisioneiro?

— Prisioneiro, é claro. Não quero derramamento de sangue.

— Então vamos negociar. Por quanto o senhor o vendeu ao capitão Hoseason?

— O que está dizendo? Eu nunca vendi David.

— Não adianta negar, sr. Ebenezer. Sou sócio de Hoseason. Ele me contou que ia levar o garoto para a América.

— Se é sócio de Hoseason, deve saber quanto paguei.

— São tantos negócios. Não me lembro bem desse valor.

— Foram apenas vinte libras. O resto ele conseguiria quando vendesse o rapaz nas Carolinas. Juro que foi só isso.

— Muito obrigado, sr. Thomson. Já tenho a confissão de que precisava — disse o sr. Rankeillor, saindo do esconderijo.

— Olá, meu tio — disse eu.

Em pouco tempo, tio Ebenezer assinou o documento preparado pelo sr. Rankeillor. Para falar a verdade, tive certa pena do velho homem. Levei-o para o quarto, meio abatido, e fui comemorar com Alan e o sr. Rankeillor, que trouxera junto com ele uma pequena cesta com guloseimas.

Na manhã seguinte, o sr. Rankeillor voltou para Queensferry. Antes tivemos uma conversa. Ele me entregou o documento assinado por meu tio e uma carta aos seus amigos banqueiros do British Linen Company, abrindo um crédito em meu nome. Aconselhou-me a tomar as rédeas da propriedade dos Shaws e deixar meu tio continuar sua vida em paz.

— Ele não tentará mais nada contra você, David. Agora sabe que metade da renda das terras é sua.

Alan ficou escondido na casa dos Shaws até que encontrei um navio

que poderia levá-lo de volta à França. A pedido de Alan, contatei um advogado também de nome Stuart, portanto confiável, para fazer as negociações com o capitão.

— Vamos até Edimburgo. Há uma pessoa lhe esperando no porto para embarcá-lo no navio para a França — expliquei.

À noite, deixamos a casa dos Shaws dando risada, lembrando nossa fuga de quase dois meses através das Highlands e torcendo para que James de Glens Stuart estivesse vivo e de volta à sua família. Em Edimburgo, diante do porto e sob a luz de uma bela lua, despedimo-nos.

— Obrigado, David, nunca vou me esquecer de você, de sua amizade.

Abracei-o com força e também lhe agradei por ser tão bom amigo.

— Você não é tão mal para alguém criado perto de um Campbell — disse sorrindo, para quebrar o gelo.

— Nem você para um desertor do exército inglês — revidei, também brincando.

Afastamo-nos sem olhar para trás. Tive vontade de chorar e saí caminhando por Edimburgo, meio atordoado. Fiquei algum tempo olhando o mar. Eu estava prestes a iniciar uma nova vida, mas Alan Breck Stuart sempre faria parte dela.